



ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S

FEMINICÍDIO





Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

“Mulheres precisam perder o medo e enfrentar desafios”

Embora disponha de uma legislação relativamente avançada - com instrumentos como a Lei do Feminicídio e a própria Lei Maria da Penha -, o Brasil ainda é um dos campeões mundiais da violência contra a mulher. Que fazer? Como enfrentar e vencer o problema? Essa foi uma das questões tratadas na palestra da advogada, ex-procuradora do Ministério Público de São Paulo e escritora Luiza Nagib Eluf, em debate sobre a violência de gênero realizado no dia 8 de março de 2017, Dia Internacional da Mulher, pelo Espaço Democrático e pelo PSD Mulher.

No encontro, aberto pela coordenadora nacional do PSD Mulher, Alda Marco Antonio, a escritora foi enfática ao afirmar que grande parte da responsabilidade pela mudança da situação atual cabe às mulheres. Para ela, apesar de toda a violência que sofrem, as mulheres precisam perder o medo que a cultura machista lhes incute e enfrentar os desafios. “Depende de nós a recusa a aceitar injustiças como salários menores que os dos homens, o avanço na luta por uma participação mais efetiva na vida política e a denúncia das violências que sofremos”, afirmou.

Luiza Eluf apresentou um relato sobre o processo de criação da Lei do Feminicídio, com a tipificação desse tipo de crime no Código Penal: “Feminicídio se refere ao ato de matar uma mulher por razões da condição de sexo feminino, quando o crime envolve violência doméstica ou familiar e/ou menosprezo e discriminação da mulher”.

Boa leitura.



ALDA MARCO ANTONIO

- Esta sala está linda! Hoje é o Dia Internacional da Mulher e o Espaço Democrático e o PSD, que levantaram a bandeira contra a violência, estão muito orgulhosos de promover uma palestra importantíssima. Quero agradecer ao Espaço Democrático que me cedeu o tema e inclusive me convidou para comandar. Normalmente é o Sérgio Rondino quem comanda os acontecimentos neste Espaço Democrático. Muito obrigada Rondino. Obrigada ao diretor superintendente do Espaço Democrático, João Francisco Aprá, sem ele não teríamos a estrutura para chegar até aqui. Quero agradecer ainda à Juliana Servidoni, nossa companheira, jornalista de Campinas, que batalhou demais, e também

ao setor de Comunicação do Espaço Democrático, que nos ajudou a realizar este evento. Vai falar hoje uma pessoa muito importante para a conquista dos avanços que nós, mulheres, tivemos ao longo desses últimos 40 anos de luta pelo feminismo em São Paulo. Vai falar a nossa procuradora, advogada e escritora Luiza Nagib Eluf.

Ela tem uma vida inteira como profissional, como operadora do Direito na defesa da mulher e no combate à violência. Luiza é mais do que escritora de seis livros - inclusive um muito famoso, "A Paixão no banco dos réus". Ela foi secretária nacional de Direitos da Cidadania no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, mas mais do que tudo isso ela tem uma vida de militância. Ela foi companheira - eu posso dizer, não é, Luiza? - nos últimos 40 anos, de às vezes correr da polícia, de enfrentar a repressão, muitas vezes perder batalhas e poucas vezes ganhar batalhas. Então, é um grande orgulho dizer que ela hoje pertence ao PSD Mulher. A tarde é sua, Luiza.

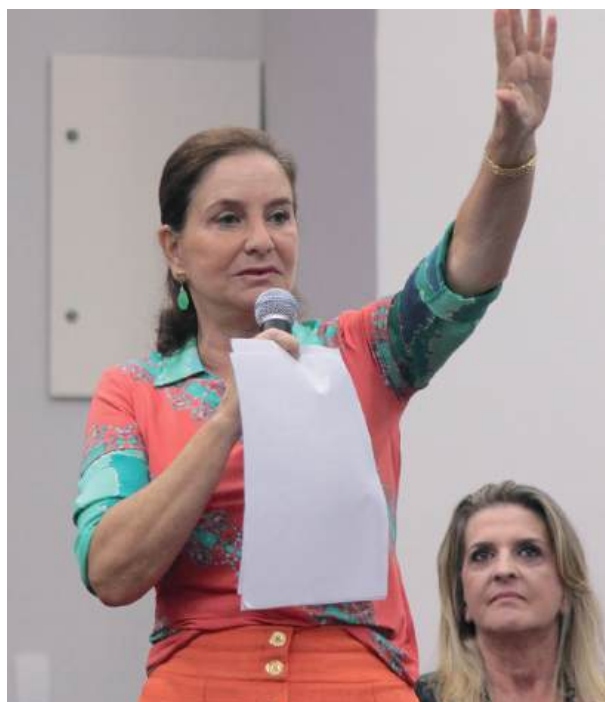


“QUAL É O MÁXIMO, O ÁPICE DA VIOLÊNCIA? É O HOMICÍDIO, É VOCÊ ELIMINAR A VIDA DE UMA PESSOA. COMEÇA COM O ESPANCAMENTO, EVOLUI PARA O ESTUPRO E TERMINA NO HOMICÍDIO”.

LUIZA ELUF - Eu quero agradecer à Alda Marco Antonio, que é uma mulher maravilhosa, sempre foi o meu modelo de lutadora, de mulher vencedora. Todas nós sabemos como é difícil, como é complicado ser mulher no país dos homens. Alda é uma mulher de sucesso, é vencedora, é muito querida. Sou sua admiradora e você me deu muita força, mesmo sem saber, para continuar essa luta terrível que é a luta das mulheres numa sociedade patriarcal. Quero cumprimentar também a Adriana Flosi, a Ivani Boscolo, a coronel Vitória e a Rita Moreira, que é a nossa *videomaker*, que ajudou muito a Prefeitura de São Paulo quando a Alda era secretária de Assistência Social. As duas fizeram um trabalho sensacional. Obrigada, Rita, por estar aqui, é muito bom contar com a sua colaboração. Ela é inteligentíssima, uma das minhas mentoras. Quero cumprimentar os homens, o nosso querido Andrea Matarazzo, o João Francisco Aprá. Muito obrigada por tudo. E quero também cumprimentar o nosso tesoureiro aqui na frente, Flávio Chuery.

Neste primeiro momento quero apenas explicar para vocês o que é o feminicídio. Nós vamos assistir a um vídeo, um depoimento da juíza Tatiane Moreira Lima, que sofreu um ataque dentro do Fórum do Butantã, em São Paulo, na Vara de Violência Doméstica. Um ex-marido, louco - vocês sabem que às vezes os homens ficam loucos, precisamos tomar cuidado - transtornado, tentou botar fogo nela.

.....
Acessando este link, você pode assistir ao vídeo citado acima:
<https://www.youtube.com/watch?v=O61QQwrc5uY>




Ela é muito minha amiga e fiquei bastante apavorada quando vi o que aconteceu. Mas depois eu soube que ela estava bem. Ela foi para o hospital e teve que passar por todo o trâmite da mulher vítima de violência. E justamente ela, que era juíza na Vara de Violência Doméstica. Mas como a violência é muito grande, não é difícil que ocorra o cúmulo da violência. Qual é o máximo, o ápice da violência? É o homicídio, é você eliminar a vida de uma pessoa. Começa com o espancamento, evolui para o estupro e termina no homicídio. Nós, que estamos na luta, militando há muito tempo, conhecemos tantas histórias terríveis que o movimento de mulheres no Brasil começou a clamar pela tipificação do feminicídio. E o que é o feminicídio? É matar mulher. Mas não é só isso. Matar mulher por determinados motivos. O que diferencia o homicídio do feminicídio? É a motivação do agente.

Eu fiz parte da Comissão de Reforma do Código Penal que foi nomeada pelo Senado

Federal. À época o presidente era José Sarney. Eles escolheram 15 juristas de todo o Brasil para propor uma reforma integral do Código. E não só o Código, mas as legislações extracodificadas. Leis específicas como para o jogo do bicho, para entorpecentes, a Lei Ambiental, que não estão no Código Penal. Tivemos que abordar e fazer uma compilação, ou seja, juntar tudo para um novo Código Penal. E tive a honra, a satisfação e a alegria de ter sido convidada a participar da comissão - o que para mim foi uma beleza.

E na hora eu soube que tinha a missão de defender a mulher nessas discussões. E eu entrei de mansinho, para não assustar o pessoal, fiquei quietinha lá e começamos a discutir. Na verdade, eu não fui a única. Havia duas outras. Uma, ministra do STJ que na terceira reunião pediu para sair; e outra uma defensora pública de São Paulo, que se fosse um homem não seria tão machista. Era um terror aquela moça. Eu pensava: não é possível, puseram essa moça para rebater as minhas ideias, tenho certeza disso, porque tudo o que eu dizia, ela era contra. E era contra o feminicídio também. E então estávamos discutindo e eu avisei o coordenador da Comissão: "Amanhã eu vou levar a proposta do feminicídio". "Ah, pode levar, Luiza". Essa pessoa é espetacular. Chama-se doutor Luiz Carlos dos Santos Gonçalves, procurador da República. Hoje ele é procurador regional eleitoral em São Paulo. Ele era o coordenador da nossa Comissão.

Ele é fantástico, maravilhoso. Fez vários eventos no Ministério Público Federal em apoio às mulheres porque ele é procurador eleitoral. Fez um evento no ano passado, encheu o auditório, havia 680 mulheres, muitas candidatas. E o Luiz Carlos falou: "Tudo bem, apresente então a proposta". Eu cheguei para a reunião. Nós estávamos discutindo o artigo 121, o que tipifica o



...O 121 COMEÇA ASSIM: “MATAR ALGUÉM”. AÍ LEVANTA-SE UM ADVOGADO DO RIO DE JANEIRO, MUITO CONHECIDO, QUE TEM UM VOZEIRÃO QUE PARECE UM TROVÃO EXPLODINDO NA SALA, E COMEÇA A BERRAR: “O QUE É ISSO? QUE ABSURDO! ONDE JÁ SE VIU ‘MATAR MULHER’? SER HUMANO É SER HUMANO. NÃO FAZ DIFERENÇA ENTRE MATAR HOMEM OU MULHER, CRIANÇA, IDOSO”. EU DISSE: “AMIGO, FAZ, DIFERENÇA”.

homicídio. Então fiz a proposta: “Olha, eu quero incluir um parágrafo no artigo 121 que se refira a matar mulher”. Aí fizeram assim: “Ohhhh!”. Não fizeram isso para nada, mas quando eu falei em matar mulher... Porque o 121 começa assim: “Matar alguém”. Aí levanta-se um advogado do Rio de Janeiro, muito conhecido, que tem um vozeirão que parece um trovão explodindo na sala, e começa a berrar: “O que é isso? Que absurdo! Onde já se viu ‘matar mulher’? Ser humano é ser humano. Não faz diferença entre matar homem ou mulher, criança, idoso”. Eu disse: “Amigo, faz, diferença. O nosso Código faz diferença. Existe o infanticídio, que é matar criança; existe o aborto; na doutrina existe o parricídio, não existe? Se tem matricídio, por que não pode ter feminicídio?”. “Porque é um absurdo!”. Fez tamanho escarcéu que, quando se calou, a Comissão toda ficou em silêncio. Ninguém dizia mais nada. Eu queria falar, mas o coordenador, o Luiz Carlos, não deixou. Ele falou: “Em votação”. Perdemos de lavada. Quem votou conosco? Um desembargador espetacular do Rio de Janeiro, que conhece tudo, teoricamente muito preparado, votou a favor das mulheres. Luiz Carlos votou a favor, o desembargador Marco Antonio Marques da Silva votou a favor, e eu. Quatro votos! O resto, incluindo a colega de gênero, votou contra. Mas eu entendi o recado do Luiz Carlos, quando ele anunciou “em votação”. Ele disse: “Não vai adiantar, não perca tempo”. Fiquei quieta. Peguei todo o material que eu juntei sobre o feminicídio e fui para a Secretaria de Políticas para as Mulheres, que na época tinha status de ministério. Cheguei para a secretária e falei: “Eu lutei feito uma doida para colocar o feminicídio na comissão e eles não deixaram, mas eu acho que o Congresso Nacional é mais flexível, mais sensível às nossas reivindicações,

é possível que, se essa proposta sair daqui da Secretaria, só esta proposta, temos chance de aprovar”. Muito bem. A secretária juntou juristas do mais alto gabarito, inclusive o presidente da Comissão da Reforma do Código, que era o ministro do Superior Tribunal de Justiça, Gilson Dib.

Estou dando o nome a todos os bois, quem fez o bem e quem fez o mal. O ministro pegou aquilo e fez uma belíssima redação do feminicídio, que foi sancionada pela presidenta da República, Dilma Rousseff, em março de 2015. E eu quero dizer para vocês o seguinte: não tivéssemos uma mulher no poder, não teríamos o feminicídio. Então, reconhecemos os erros, mas temos que alardear os acertos. Porque isso, para nós, é um grande avanço. Nós devemos isso àquelas mulheres maravilhosas que a Dilma Rousseff colocou no poder e inclusive a própria Dilma. E ela mandou um convite pessoal para mim, para que eu estivesse lá na sanção da Lei do Feminicídio. E eu peguei aquele convite que a presidenta mandou e mandei para os demais membros da comissão, com um recado especial: quem quiser comparecer, compareça, porque o feminicídio já é lei. Aquela reforma completa do Código ainda está tramitando, mas o feminicídio se adiantou. É lei. É vitória das mulheres do Brasil.

E o que é feminicídio, então? Feminicídio é matar mulher por razões da condição do sexo feminino. Então, vocês vejam que ele se caracteriza pela intenção da pessoa, pelo motivo que levou o sujeito a matar. Se fosse um homem, ele não mataria, mas ele matou porque é mulher. Essa é a diferença. “Mas como eu vou descobrir?” Não é difícil. A mulher está em casa apanhando todo dia. Está apanhando porque é mulher, se fosse homem não estaria apanhando. Então, não é tão difícil verificar a intenção do agente. Depois, considera-se que

há razões de condições de sexo feminino. Lembrem-se do Conselho da Condição Feminina? Porque ela tem uma condição específica, que é de subalternidade, de inferioridade, de exploração, de falta de reconhecimento. Vivemos nessa condição. E por causa dessa condição nós apanhamos, somos violentadas e morremos.

Aí o ministro explica melhor, para quem não entendeu, o que é essa condição: “Considera-se que é com razões da condição de sexo feminino quando o crime envolve violência doméstica e familiar ou menosprezo ou discriminação à condição de mulher”. Isso é feminicídio. Porque ninguém sabe o que é. Se você sair por aí perguntando o que é feminicídio... é matar mulher? Não. Se a mulher morreu num assalto, isso não é feminicídio. Agora, se ela morreu porque é mulher, esse cara que matou está perdido porque ele pega uma pena que não é pequena, é maior do que a pena do homicídio simples, é o dobro do homicídio simples, e ainda pode pegar outras qualificadoras e passar 30 anos preso, se Deus quiser, porque temos que torcer para que isso aconteça. E ainda temos as causas de aumento de penas. A pena do feminicídio é aumentada



E O QUE É FEMINICÍDIO, ENTÃO?
 FEMINICÍDIO É MATAR MULHER
 POR RAZÕES DA CONDIÇÃO DO
 SEXO FEMININO. ENTÃO, VOCÊS
 VEJAM QUE ELE SE CARACTERIZA
 PELA INTENÇÃO DA PESSOA, PELO
 MOTIVO QUE LEVOU O SUJEITO A
 MATAR. SE FOSSE UM HOMEM, ELE
 NÃO MATARIA, MAS ELE MATOU
 PORQUE É MULHER. ESSA É A
 DIFERENÇA”.

de um terço até a metade se o crime for cometido durante a gestação ou nos três meses posteriores ao parto. Aí vai ter um aumento de um terço até a metade da pena. Ou se for praticado contra pessoa menor de 14 anos ou maior de 60 anos ou com deficiência, também vai aumentar a pena. E na presença de dependente ou atendente da vítima.

Perfeitinho, não é? Redondo. Por quê? Porque eles matam na frente dos filhos. Eles matam a mãe também, se estiver no “pacote”. Teve um em Campinas que matou a família inteira, matou dez pessoas, porque ele queria matar o maior número possível de mulheres da família - e no pacote colocou lá uns quatro homens. E matou todo mundo. Quer dizer, é um doido varrido, que se tivesse sobrevivido teria que ficar preso até morrer.

Sou a favor da prisão perpétua. Tem gente que não pode sair da cadeia. Por que eu li para vocês exatamente o que diz a lei? Porque é fácil falar, chutar. Lei Maria da Penha todo mundo conhece. Fizeram uma pesquisa que apontou que 97% da população conhecem a Lei Maria da Penha, só que não têm a menor ideia do que está escrito lá. Não sabem nada.

A Lei Maria da Penha prevê cinco formas de violência contra a mulher. Não existe só a violência física, lesão corporal, etc. Existe a violência moral. Não preciso explicar o que é violência moral, mas normalmente eles nos atacam na nossa sexualidade. Se eles não gostam de alguém, eles chamam a mulher de vagabunda. O que é isso? É na sexualidade. É violência moral. Isso é punível. Lei Maria da Penha. Pode ir lá na delegacia, botar o homem a um quilômetro de distância por violência moral, psicológica. “Olha, tudo o que você faz é mal feito, você não cozinha direito, você não lava roupa, não cuida das crianças. Tudo culpa sua!”.



E há a violência patrimonial. A mulher não tem direito ao seu salário. Ela chega no dia 5 em casa com o dinheiro que ganhou da patroa e o sujeito já abre a bolsa e tira o dinheiro imediatamente. Isso tem raízes no começo do século passado. Até 1962 as mulheres não tinham o direito de gerir seu patrimônio nesse país chamado Brasil. Aí veio uma lei chamada Estatuto da Mulher Casada. Ou seja, a alforria. O pai dela era milionário, aí ela casava e todo aquele patrimônio passava para o nome do marido e somente ele podia gerir. Um absurdo. Isso era lei. Nós mulheres começamos a votar em que ano? Em 1932. A lei é de 1932! Em 1934 foi eleita a primeira mulher. E de lá para cá não sei se mudou muita coisa porque hoje estamos com 10% do Congresso Nacional, o que é uma mixaria.

Então, a violência patrimonial também está na Lei Maria da Penha. Se você chega em casa e seu marido toma o seu salário, você vai a uma Delegacia da Mulher. As pessoas não sabem que temos muitas leis que nos protegem.


Agora, vamos exibir mais um trecho do vídeo da entrevista da juíza Tatiane Moreira Lima.

.....
Acessando este link, você pode assistir ao vídeo citado acima:

<https://www.youtube.com/watch?v=5UzEx9Uh8es>
.....



Nesta cena do vídeo, o agressor ameaça incendiar o líquido inflamável que jogou na juíza Tatiane Lima.



...DELICADAMENTE ELE FALOU: “SENTA. VOCÊ NÃO VAI BRIGAR COM O CARA”. EU DISSE: “EU VOU, EU NÃO TENHO MEDO DELE”. DISSE ALTO, BEM ALTO... E ELE SE ACHANDO O DONO DA COCADA PRETA. AÍ A JUÍZA FALOU: ‘VAMOS TODOS FICAR TRANQUILOS’. AÍ APARECEU UM SUJEITO ENORME, COM UM NARIZ GRANDÃO. EU OLHEI PARA A JUÍZA E ELA FALOU ASSIM: “EU CHAMEI A SEGURANÇA. TEM UM BOTÃOZINHO EMBAIXO DA MESA”.

Viram? O agressor queria ficar com a guarda dos filhos, né? Depois desse episódio, o Tribunal de Justiça colocou segurança para as juízas. As mulheres são cerca de 25% dos membros do Judiciário de primeiro grau, aqui em São Paulo. E eu tive uma audiência no mês passado em que havia vários réus, vários advogados e a juíza. Era uma audiência cível-criminal. Eu estava lá como advogada também. De repente, um dos advogados começou a bater boca com a juíza. Ele dizia assim: “A senhora não leu o processo”. Aí ele se levantou. E quando ele se levantou, eu estava do outro lado da mesma mesa, mas estava ao lado dele também. Ele se levantou e eu levantei também. Pensei: “O que ele vai fazer?” Só que meu marido estava na audiência também, porque nós somos advogados. Delicadamente ele falou: “Senta. Você não vai brigar com o cara”. Eu disse: “Eu vou, eu não tenho medo dele”. Disse alto, bem alto... e ele se achando o dono da cocada preta. Aí a juíza falou: ‘Vamos todos ficar tranquilos’. Aí apareceu um sujeito enorme, com um nariz grandão. Eu olhei para a juíza e ela falou assim: “Eu chamei a segurança. Tem um botãozinho embaixo da mesa”. É o mínimo que se pode fazer, porque existem pessoas perigosas e é muito surpreendente que certos sujeitos que você nunca imaginou se transformem em perigosos. Naquele dia, eu só olhava para o segurança, porque era um sujeito assustador. Fizeram uma maquiagem nele para ficar mais feio. E aí apaziguou a audiência. Somos mulheres, somos vulneráveis, mas não é para ficar com medo de tudo.

Só estou lembrando isso porque na última vez em que estivemos aqui num encontro com a Alda e as mulheres, na hora em que terminou, ao meio-dia, em plena luz do dia, uma das companheiras falou: “Você vai descer?” “Vou”. “Onde você vai depois? Onde está o seu carro?”.



“Meu carro está no estacionamento”. “Posso ir com você?”. Ah, meu Deus do céu. Sabem o que acontece com as mulheres? Incutem medo na nossa cabeça. Medo, medo, medo. Mulher tem medo de barata, já viu isso? Um inseto desse tamanho, que passa e pronto. E é aquele desespero. Minha irmã sobe em cima da mesa por causa de uma barata. Eu, outro dia, peguei ela e falei: “Está vendo este animal? É uma barata”. Tem homem que também tem medo de barata, mas não faz isso, não vai subir em cima da cadeira. Porque incutem na nossa cabeça o medo. Desde criancinha você não pode isso, não pode aquilo. Eu tenho uma amiga que disse para a filha, outro dia: “Não toma táxi porque tem estuprador. Não sai na rua à noite porque tem estuprador”. Eu falei: “O que você está criando?” Vamos empoderar. Mas como vamos empoderar desse jeito? Não é assim. Tem que falar o contrário para ela. Tem que dizer para ela ter coragem. Porque eu tenho 30 anos de Ministério Público e nesses 30 anos houve mulher estuprada só por causa de um grito. O cara deu um grito e pronto: ela congelou.

INCUTEM NA NOSSA CABEÇA
O MEDO. DESDE CRIANCINHA
VOCÊ NÃO PODE ISSO, NÃO
PODE AQUILO. EU TENHO UMA
AMIGA QUE DISSE PARA A FILHA,
OUTRO DIA: “NÃO TOMA TÁXI
PORQUE TEM ESTUPRADOR. NÃO
SAI NA RUA À NOITE PORQUE
TEM ESTUPRADOR”. EU FALEI: “O
QUE VOCÊ ESTÁ CRIANDO?”
VAMOS EMPODERAR”.



É a moça que estava no Metrô e o homem veio se encostando? Lembram? Saiu em todos os jornais. O sujeito veio se encostando e ela tentando escapular e gritando. Num determinado momento, ela sentiu algo estranho. Quando ela olhou, ele tinha tirado os “documentos” para fora. O que aconteceu com ela? Ela desmaiou! Ela desmaiou imediatamente. Uma mulher que desmaia de olhar? Aí é que ela vai ser estuprada, ela fica à mercê. Aí veio o príncipe, segurou a moça, levou para a enfermaria do Metrô e o resto dos homens que estavam no vagão bateram tanto no rapaz que ele ficou desacordado. Largaram ele lá e as câmeras não pegaram nada. Mas como a mulher pode desmaiar? Na hora em que tem que se defender ela perde os sentidos? Isso é o que a educação machista faz para a gente. Sabem quem faz isso com a gente? Os homens. Eles ficam falando na nossa orelha que é para a gente ficar frágil. Tem que ter uma barreira. Bate e volta. Eu não tenho medo.

Trabalhei sempre na área criminal. Uma vez o procurador-geral me chamou: “Você quer ser transferida?”. “Eu não, por quê?”. “Porque você está sendo ameaçada”. “Como o senhor sabe, procurador?” “A gente sabe, temos que cuidar das moças, imagina se matam uma promotora.” Mas diante de um revólver, qual é a diferença se sou homem ou mulher? O homem tem corpo fechado, a bala bate e volta? Não tem diferença nenhuma, vai matar. “O oficial de gabinete falou, um homem disse que ia matar a senhora”. “Então você liga para ele de volta”. “Mas ele não deixou o telefone”. “Bem, se ele ligar de novo você diz: vai logo porque a fila é grande e você pode perder a chance”.

Esse é o meu recado. É assim que a gente responde porque a proteção somos nós mesmas. Lembram do He-Man, que tem a força? Nós somos a nossa força, cada uma é a sua

própria força. E aquela que só sai à noite se tiver um homem junto? “Ah, eu não dirijo à noite”. Por quê? O sujeito vem com um revólver na sua cabeça - que diferença faz se você é homem ou mulher? Nenhuma. E tem mais: quando alguém disser isso você deve responder que as estatísticas mostram que 80 por cento das pessoas assassinadas nas ruas são homens. Oitenta por cento! Então a filha sai para estudar à noite e às onze horas a mãe já fica desesperada. Por quê? Fica tranquila! Você tem que se preocupar é com o seu menino, que estuda no mesmo horário. “Ah, mas ele é homem”. Então, ele vai morrer na rua. Cuidado. Porque homem arruma briga por qualquer coisa. É briga de trânsito, é briga de bar, é bala perdida, essas coisas.

Onde morre a mulher? Em casa. É em casa que morre a mulher, gente. Mas eles contam uma história diferente. Porque você tem medo na rua. E a outra queria que eu a acompanhasse até o estacionamento. “Olha, eu vou te acompanhar, mas até lá eu vou ter que te contar algumas coisas. E ela ouviu mais do que vocês estão ouvindo hoje. Puxa, a gente tem medo de barata, de sair dirigindo à noite. “Medo por quê?”. “Ah, porque tem ladrão”. Por que você pensa no ladrão? Pensa que não vai ter. Não fica no pavor! Porque a mulher tem pavor. E ela olha para trás, vê os documentos do sujeito e desmaia. E se não tem um monte de gente ao lado dela, o que acontece com ela? É estuprada.



E LÁ FORA AS AMERICANAS ESTÃO FAZENDO UM BARULHO ENORME DIZENDO ASSIM: ESTUPRO É SEXO NÃO CONSENTIDO. E ACABOU. VOCÊ QUERIA? NÃO. ENTÃO FOI ESTUPRO. MUITA MULHER FOI ESTUPRADA E NÃO SABE QUE FOI. FOI SEXO FORÇADO? ENTÃO É ESTUPRO”.

Aí vem a jurisprudência, que é machista. É um negócio tão nojento que eu escrevi um livro de 2.054 páginas só para rebater isso aí. Graças a Deus vendeu tudo. Era sobre os crimes sexuais, porque o juiz queria que a mulher tivesse uma “resistência militante” ao estupro. Resistência militante, em termos legais, é aquela resistência de quase morrer - ou morrer - para não ser estuprada. “Ah, eu queria deixar de apanhar, vamos transar, então, ok?”. Não basta o não. E lá fora as americanas estão fazendo um barulho enorme dizendo assim: estupro é sexo não consentido. E acabou. Você queria? Não. Então foi estupro. Muita mulher foi estuprada e não sabe que foi. Foi sexo forçado? Então é estupro. E isso dá à mulher o direito de ser atendida no hospital - o Pérola Byington faz isso, todos deveriam fazer. Tem coquetel anti-Aids, tem direito a psicólogo, tem direito a se tratar primeiro e depois ir para a delegacia. O próprio médico pode colher os vestígios e depois mandar para exame. Então, as mulheres têm direitos. Vamos fazer valer os nossos direitos!

Agora vamos ver no vídeo o que aquela juíza vai dizer sobre a violência de gênero, que é a violência contra a mulher por ser mulher, e da qual ela também foi vítima.

.....
Acessando este link, você pode assistir ao vídeo citado acima:
<https://www.youtube.com/watch?v=sPDCTdWBohU>

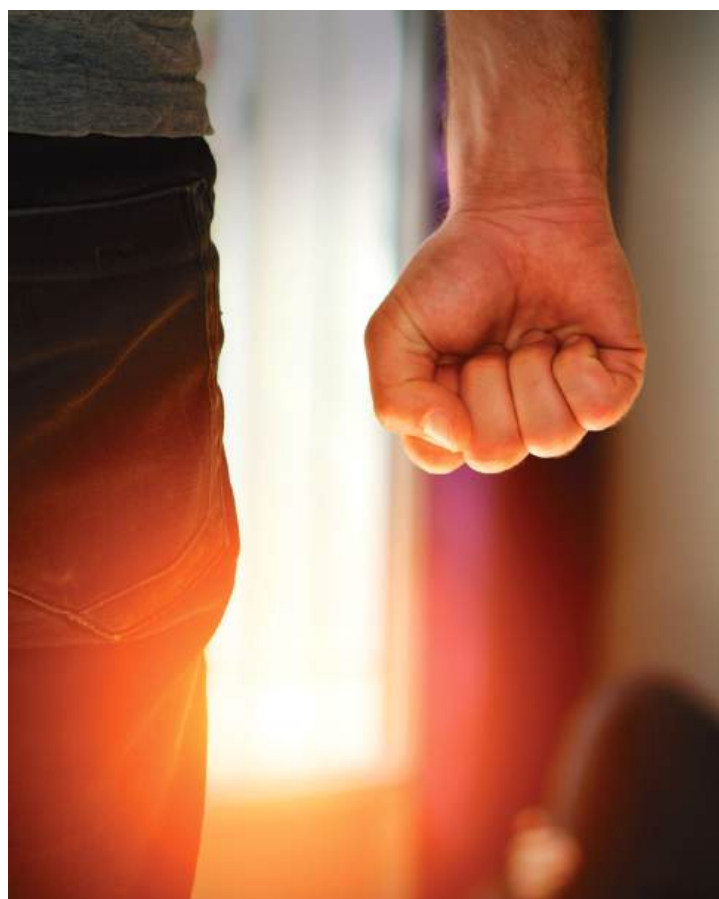


Agora vamos ver alguns números tristes que deixam os homens e as mulheres de bem muito preocupados. O Brasil é um dos campeões mundiais de violência contra a mulher. “Mas não é o país do Carnaval? Não é maravilhoso?”. Não, aqui não é maravilhoso. O campeão mundial mesmo é El Salvador, que tem uma taxa de morte de mulheres de 8,9 por cem mil habitantes. A Colômbia em segundo lugar: 6,3; a Guatemala, 6,2; a Federação Russa, 5,3; e o Brasil com 4,8, ocupando, então, o quinto lugar no ranking mundial de 42 países. É bastante, realmente é um país que maltrata as mulheres e que tem uma representação feminina na política muito abaixo do que seria justo. E a gente pode falar um pouco de política porque, afinal de contas, estamos em um partido que teve candidatas e que se saiu bem: nas últimas eleições para vereador aqui em São Paulo a gente elegeu dois homens e duas mulheres. Aqui equilibrou. Não é sem luta. É um terror, é difícil conseguir. As mulheres têm que saber se unir, têm que saber que uma mulher não é inimiga da outra. Serem solidárias entre si, saber que, se acontecer com uma, pode acontecer com todas.

Essa juíza estava lá, protegendo as mulheres da violência doméstica, e ela própria foi agredida de uma maneira cruel, poderia ter morrido. Vou contar para vocês a versão que eu ouvi. Talvez a Polícia Militar tenha outra versão, mas eu soube que um rapaz que estava saindo do Fórum e testemunhou o ataque à juíza viu um carro da Polícia Militar na saída e abordou o policial. E falou: “Estão fazendo uma juíza refém no Fórum”. O Fórum tem polícia, mas naquela hora não. O PM estava indo para outro lugar, imediatamente parou o carro, desceu e de um minuto para outro se viu como negociador da liberação de uma refém. E ele fez com muita maestria porque conseguiu. O sujeito jogou a gasolina no corpo dela

e estava com o isqueiro na mão. A vida dessa moça ficou por um triz. E o que ela fez? Nada. Ela não tinha feito nada ainda. Era a juíza da Vara de Violência Doméstica que tinha aplicado uma medida protetiva contra esse sujeito para salvar a mulher dele. E ela foi agredida. Então, a agressão a uma mulher é agressão a todas as mulheres. Toda vez que uma mulher morre por ser mulher, estão matando todas nós, estuprando todas nós. E é impressionante, porque eles não se intimidam. Eles acham que eles podem fazer. Eles entendem que têm direito, porque eles são homens, mandam e acabou.

Quando eu comecei a minha carreira no Ministério Público, em 1985, fui promovida para a promotoria de Osasco. Havia uma moça que fazia criminal também, então éramos duas moças no criminal. Ela fazia o júri e eu fazia o resto. Naquela época, dois garotos foram mortos em uma feira porque roubaram uma melancia e o dono da barraca esfaqueou os dois. Um deles morreu e o homem estava sendo levado a



ELA NÃO TINHA FEITO NADA AINDA. ERA A JUÍZA DA VARA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE TINHA APLICADO UMA MEDIDA PROTETIVA CONTRA ESSE SUJEITO PARA SALVAR A MULHER DELE. E ELA FOI AGREDIDA. ENTÃO, A AGRESSÃO A UMA MULHER É AGRESSÃO A TODAS AS MULHERES. TODA VEZ QUE UMA MULHER MORRE POR SER MULHER, ESTÃO MATANDO TODAS NÓS, ESTUPRANDO TODAS NÓS”.



juízo. Era minha colega que estava fazendo esse júri. Ela tinha o cabelo da mesma cor que o meu, mesma estatura, de longe não dava para saber quem era quem. E os caras que tinham matado os moleques eram de uma máfia criminosa. Queriam matar a minha colega. E vejam o que acontecia: no Fórum nós estacionávamos o carro em vagas demarcadas - “Ministério Público”. Quer dizer, já se contava para todo mundo: “aqui estaciona a promotora, aqui estaciona a outra promotora”. Eu saí do Fórum às 7 da noite, abri o carro e de repente ouvi um estampido. Tiro. Saí correndo. Outro tiro. Naquela época havia mais policiais dentro do Fórum. Eles me jogaram para dentro, trancaram a porta, saíram atirando e nem sei mais o que aconteceu. Depois a gente descobriu que eles queriam matar minha colega. Eu ia morrer no lugar dela. O procurador-geral falou: “Podem sair as duas daí” “Não, mas o atentado...” “Não quero saber: saiam as mulheres daí. Mulher não pode”. Se fosse homem, não iam atirar? A bala não mata homem? Só mata mulher? Eles falam para depois dizer: “Vai cair o salário”. Ah, tá, porque paga-se menos para a mulher fazer a mesma coisa.

Só que a gente não precisa ser tão trouxa de fazer qualquer coisa e aceitar qualquer serviço por qualquer preço. Uma vez precisei de um garçom para fazer um negócio. Liguei no buffet e disseram: se for homem, é R\$ 100 reais; se for mulher, R\$ 70. A própria mulher que organizava. Eu falei: “Como assim? Não é para fazer a mesma coisa? Só quero mulher na minha casa e vou pagar o mesmo valor para ela, mas não para a senhora”. Qual a diferença? Porque é bacana ser homem garçom, mas não é ser uma mulher garçonete. É isso que temos de recusar. Porque depende de nós essa recusa, senão o mundo vai continuar igual, pisando em cima da gente de forma absolutamente injusta.

Vamos ver o próximo vídeo, que vai mostrar o que a juíza teve que passar depois do que aconteceu com ela. Toda vítima de violência passa pelo mesmo périplo após o fato. Tem que ir lá, prestar depoimento, contar tudo como foi, tem que ir no Instituto Médico Legal para ser atendida. Se for juíza, vai ser atendida mais rapidamente, eu acredito. As mulheres às vezes ficam horas esperando. E vejam que dificuldade que ainda é hoje para nós, mulheres.

.....
Acessando este link, você pode assistir ao vídeo citado acima:

<https://www.youtube.com/watch?v=sPDCTdWBoHU>
.....

O feminicídio é crime hediondo, o regime de cumprimento de penas é mais severo, mas aqui no Brasil todo mundo vai para a rua rápido demais. Só que o agressor de mulher não pode ir para a rua porque ele vai voltar e matar aquela mulher. Vai matar porque ele põe na cabeça que ele quer matar. Então, é muito complicado lidar como se fosse um criminoso normal, digamos, corriqueiro, que assalta qualquer vítima. Não, ele tem um ódio específico. Ele tem gana de matar uma pessoa, que é a mulher dele, ou a ex-mulher dele. Nós somos ensinados, a nossa cultura ensina, que se você tem um namorado ou uma namorada, este ser te pertence. Você é dono ou dona do corpo da sua mulher ou do seu marido.

Esse conceito extremamente equivocado leva a uma coisa que é deletéria, que estraga tudo no mundo, que é o ciúme. O ciúme é ilógico. Porque há aquele ditado: ninguém é de ninguém, repetido há séculos. E ninguém é de ninguém mesmo. Porque ninguém pode ser dono dos desejos de outra pessoa. “Eu quero comer

chocolate”. “Não, você não vai comer”. Mas como não vou comer?” “Não vai comer porque eu não quero que você coma”. É isso.

Vamos para o sentimento. “Você tem que ser minha”. Olha aquela frase: “Se não for minha, não será de mais ninguém”. Pronto, isso é feminicídio. Como é que faz para que ela não seja de mais ninguém? Matando. É padrão cultural. O homem chega e diz para você: “Você vai ser minha”. Como assim, cara? Eu vou ser de quem eu quiser. A mulher tem que ser de quem ela quiser e acabou.

O que eles fizeram? Os homens não são burros, eles planejaram tudo detalhadamente, eles dividiram as mulheres. Vamos fazer de conta que neste salão aqui está a população do mundo. Eles montaram um muro aqui no meio: deste lado estão as mulheres de família, que no código chamavam de honestas, e deste lado as mulheres decaídas. Se você fizer qualquer coisinha, pisar fora do trilho, o que eles vão fazer com você? Vão pegar você deste lado do muro e jogar para esse lado do muro, ou seja, você, de mulher respeitável e de família, vai virar decaída.



ESSE CONCEITO EXTREMAMENTE EQUIVOCADO LEVA A UMA COISA QUE É DELETÉRIA, QUE ESTRAGA TUDO NO MUNDO, QUE É O CIÚME. O CIÚME É ILÓGICO. PORQUE HÁ AQUELE DITADO: NINGUÉM É DE NINGUÉM, REPETIDO HÁ SÉCULOS. E NINGUÉM É DE NINGUÉM MESMO. PORQUE NINGUÉM PODE SER DONO DOS DESEJOS DE OUTRA PESSOA”.

E ainda tem mulher que chama a outra de vagabunda. Olha que burrice! Porque ela está xingando ela mesma. Porque vagabunda é mulher que transa. Não pode transar, não pode. A única coisa que uma mulher não pode fazer, de jeito nenhum, na face da Terra, é transar com quem ela quiser. Não pode. Então eles armaram uma força patriarcal, que é um cabresto, uma força moral insuportável, escravizando as mulheres para que elas estejam à disposição deles quando quiserem e como quiserem e que elas andem na linha. Elas não podem sair com ninguém.

Deus me castigou um pouco, não me deu nenhuma filha - ou quem sabe Deus é sábio e disse: “Ela vai torturar tanto essa filha que só vou dar filho para ela”. Só tenho filho, irmão, neto, todos homens. Um dia os homens estavam lá conversando em minha própria casa, onde quem manda *soy yo*. Eu estava ouvindo e vi meu filho lá falando: “Vou te falar, você tem que dizer para elas que não vai transar, que você é fiel, senão elas ficam nervosas e querem terminar o namoro”. Aí eu interfeiri na conversa e falei: “Isso quer dizer o quê?!”. “Que a gente pode, a gente sabe que a gente não tem que ser fiel. Agora, elas têm que ser”. Isso é meu filho, que já ouviu minha palestra mais de 800 mil vezes. Mas só que ele é contra. Ele fica bravo comigo. Então, eles armaram uma sociedade em que a mulher está à disposição.

Por que existe a prostituição? Porque eles querem a qualquer momento ter a mulher. Não tem mulher que quer sair comigo? Então paga. E é uma fila desgraçada nessas casas, chamadas de casas de prostituição. É uma fila, um movimento, um negócio que nunca vi igual! E não tem freio. E eu só ficava olhando na porta, porque imagina se alguém no Ministério Público me visse dentro de um negócio desses. Mas as minhas pesquisas exigiam que eu tivesse uma noção do que é uma casa de tolerância, como se falava antigamente.



Eu peguei uma causa outro dia, em São José dos Campos. Deram um flagrante numa casa de tolerância. Nunca ninguém viu, ninguém sabia que existia, aí acharam em São José do Campos. Parece brincadeira, gente. “Quem não pagou a polícia aí? E a dona era mulher, minha cliente, que disse: “Eu quero a senhora como advogada, senão eu vou entrar pelo cano”. “Não, não vai entrar pelo cano, pode ficar tranquila”. Quando chegamos na audiência, o juiz ficou de pé. Falou assim: “É uma honra recebê-la aqui na minha sala de audiência”. O promotor levantou do outro lado e falou: “O senhor tem que tratar as partes igualmente”. Eu dei uma risadinha para ele. “É uma honra também para ele a sua presença”. E claro que absolveu. Porque isso é para humilhar as mulheres. Prestem atenção. Nunca vocês podem chamar outra mulher de vagabunda, de puta, de não sei o quê. Uma mulher não xinga a outra.

Nós, descendentes do *homo erectus*, somos daquela linhagem humana que transa demais. Que nasceu pensando em transar e vai morrer pensando em transar. Por isso nós estamos aqui, povoamos este espaço enorme que se chama Terra. A gente tem que viver segundo a nossa própria natureza, cada um com a sua, mas entendendo que isso é um direito, isso é inexorável. O sexo é e será sempre uma compulsão. São circunstâncias da vida. Acontece.

“Mas isso é pecado”. Como, pecado? Isso só prejudica a mulher, porque homem peca pra burro e a mulher tem que ficar esperando para só pecar quando alguém der autorização - o padre, o pai, o irmão. Não é assim. Vamos parar com isso.

Vamos entender que somos seres humanos iguais aos homens. Daí as pessoas me dizem: “Mas como assim? Você sabe que a mulher não é igual ao homem”. É lógico que não são iguais,

mas têm os mesmos direitos. É uma questão de direito. Sexo é um direito humano que eles tiraram de nós. Muitos aqui não vão lembrar, mas a maioria se lembra, sim, do tempo em que a mulher tinha que casar virgem. Antes não podia transar com ninguém, depois só podia transar com aquele, e se não fosse bom, azar, continuava tendo que transar com aquele. Então, quem pôs na cabeça dela? O que eu digo para uma pessoa dessa? “Querida, um dia você vai descobrir”.

No Brasil havia um crime que era de sedução. O que era crime de sedução? É seduzir mulher virgem, menor de 18 anos e maior de 14. Era um crime no Código Penal, crime de sedução. Só homem comete sedução. Mulher não comete sedução, sabiam? No patriarcalismo, a mulher não é sujeita a ativo de coisa nenhuma. Nem seduzir ela pode. Mas ela pode ser seduzida. Aí o homem ia preso porque havia tirado a virgindade de uma menina entre 14 e 18 anos. Só que estavam namorando, estava tudo bem, a menina estava feliz, como foi parar na delegacia? Foi o pai da menina que descobriu.



A DOUTORA TATIANE CONTINUA TRABALHANDO NA VARA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. ELA NÃO ABANDONOU ESSA ÁREA. ELA PODERIA TER FICADO TRAUMATIZADA, MAS ESTÁ LÁ, TEIMOSA. É ISSO MESMO, NÓS TEMOS QUE SER TEIMOSAS “...

Eu lutei tanto para acabar com essa lei, que acabou. Eu fiz tanta estripulia que muita coisa aconteceu. Eu não vou contar vantagem, não foi por minha causa, foi por causa de todas as mulheres, mas eu me matei para mudar as leis.

Falta mudar alguma coisa? Falta alcançar a liberdade de querer ser mãe. Não podemos impor à mulher que ela engravide, que seja mãe se ela não estiver preparada para isso. E o Brasil é um assassino de mulheres nesse aspecto. São 4 milhões que morrem. A gente não tem estatística, porque é algo clandestino, a gente não pode dizer com certeza, mas recentemente o Supremo Tribunal Federal, em uma decisão em um caso concreto - não é uma lei que vale para todos - reconheceu que a proibição do aborto fere os direitos da mulher. Porque ela tem que ter o direito, o corpo é dela.

Ser mãe não é nada fácil. A gente que já foi mãe sabe que é uma escravidão. Depois que nasce, é um trabalho dos infernos, você tem que estar disposta, tem que poder escolher. O Supremo Tribunal Federal, naquele caso concreto, disse que a mulher não é obrigada a engravidar e ter um filho se ela não estiver preparada para isso - e isso é que é importante. A decisão diz que isso fere os direitos da mulher. Fere, lógico. Fere o direito ao corpo.

A doutora Tatiane continua trabalhando na Vara de Violência Doméstica. Ela não abandonou essa área. Ela poderia ter ficado traumatizada, mas está lá, teimosa. É isso mesmo, nós temos que ser teimosas e temos também que ter alguma influência sobre a Justiça para que não aja com preconceito. Vejam o caso do goleiro Bruno. Ele praticou o assassinato mais brutal, mais cruel, mais horrendo de que eu tive notícia em toda a minha vida. A pessoa fazer o que ele fez com aquela moça demonstra que ele é um psicopata irrecuperável. Ele torturou essa





moça durante muito tempo, bateu na moça. E por que ele fez isso? Porque ela era garota de programa.

Lembram do muro? Quem está desse lado do muro pode ser torturada, estuprada e assassinada - e aí, depois, pega os restos mortais e dá para o cachorro comer. É exatamente essa divisão que a gente tem que mediar. Sabe por que ela não presta? Porque ela faz sexo. E quem faz sexo com ela presta, mas ela, não. Percebe? Por que ela não presta? Porque fez sexo. Mas e todos os outros que vão lá pagar para fazer?

Não vamos pôr a culpa no Supremo, no caso do goleiro Bruno, porque foi o STJ que deu o *habeas corpus*. É um absurdo porque ele é um psicopata. E na Justiça há o viés do não encarceramento. Hoje a gente tem uma corrente muito forte do não encarceramento, de que se o preso vier para a rua terá mais chance de se recuperar. Mas tem gente que nunca vai se re-

cuperar. Psicopata não se recupera. Ainda não descobriram cura para a psicopatia. E ele vai fazer novas vítimas. Essa é a nossa certeza, mas eles liberam. Alguma razão que a razão desconhece faz com que liberem. Fosse eu, sentada naquela cadeira, não teria liberado. Então, o goleiro Bruno agora é disputado pelos times. Imagina... Depois do que ele fez. O Brasil é uma coisa incrível, um caso que precisa ser estudado.

A Elize Matsunaga, que matou e esquartejou o marido, Marcos Kitano Matsunaga, diretor da Yoki Alimentos, também fez uma coisa horrível. Existem mulheres que mataram os seus maridos? Existem, mas são raros os casos.

Esta é a minha reflexão. Eu tenho um site - www.luizaeluf.com.br - que tem um "fale conosco". Quem quiser depois mandar alguma pergunta, estou à inteira disposição.

Muito obrigada.

Presidente

Guilherme Afif

1º Vice-presidente

Vilmar Rocha

2º Vice-presidente

Diretor de Relações Internacionais

Alfredo Cotait Neto

Secretária

Alda Marco Antonio

Diretor Superintendente

João Francisco Aprá

Conselho Superior de Orientação

Presidente - Gilberto Kassab

Guilherme Afif

Henrique Meirelles

Omar Aziz

Raimundo Colombo

Otto Alencar

Claudio Lembo

Ricardo Patah

Vilmar Rocha

Guilherme Campos

Robinson Faria



Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2017 - "Feminicídio"

ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: **EspacoDemocraticoPSD** Twitter: **@espdemocratico**

Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum e Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br